

DOSSIÊ

“Tensões em torno do
esporte e do lazer”

CAPÍTULO 8

O acessório do amor: Antígona entre antagonismos e agonismos na Copa do Mundo do Catar¹

Marina Thereza Santos de Souza Özdemir

Marco Antonio Bettine de Almeida

CHERCHEZ LA FEMME: MULHERES NA GEOPOLÍTICA ESPORTIVA

“Envergonhada, ridicularizada, zombada: nunca antes uma equipe alemã de futebol retornou de uma Copa do Mundo tão desajeitada” (Nyary, 2022). Por trás do resultado? Uma mulher. A análise da cobertura jornalística de duas mídias alemãs sobre um gesto realizado na Copa do Mundo do Catar é também a análise de como um megaevento esportivo reproduz, enquanto instrumento geopolítico, as relações sociais.

A expressão *cherchez la femme*, “procure a mulher”, que atribui ao feminino a responsabilidade por atos socialmente praticados, integra a literatura investigativa desde o século XIV, e representa uma tradição que remonta aos primórdios do patriarcado, suportada por Eva e combatida por Sherazade.

A análise da conduta de mulheres com acesso ao poder, pós-conquistas de direitos humanos femininos, como o direito ao trabalho, estudo, voto e propriedade privada, reflete a existência de um *double bind*, um duplo vínculo de interpretação de suas ações. Pierre Bourdieu assim entende o fenômeno, construído em resposta às ações femininas:

1 Este capítulo faz parte do projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) denominado “O fim de uma era nos megaeventos esportivos: análise dos eventos em nações em desenvolvimento, África do Sul, Brasil, Índia e Catar” (processo n. 2021/10443-3).

[...] se atuam como homens, elas se expõem a perder os atributos obrigatórios da “feminilidade” e põem em questão o direito natural dos homens a posições de poder; se elas agem como mulheres, parecem incapazes e inadaptadas à situação (Bourdieu, 2010, p. 84).

O futebol e os eventos esportivos, enquanto fatos sociais, reproduzem a existência desse duplo vínculo. Para ser visto como interessante, o jogo requer garra, tração e força, qualidades que, quando empregadas por mulheres, são entendidas como a “masculinização das jogadoras”.

Ao mesmo tempo, a ocupação de assuntos ligados ao cuidado, tipicamente estereotipados como femininos, é censurada. A crítica se dá tanto em relação à maternidade, entendida como “diminuição do rendimento profissional”, fato ilustrado pela jogadora australiana Katrina Gorry, elogiada por “não ter perdido a garra após a gravidez” (Wright, 2023), quanto em relação à paternidade, como exercida pelo jogador brasileiro Paquetá, criticado por acarinhar um filho aos prantos em um treino da seleção brasileira (Sahd, 2022).

Da mesma forma, o duplo vínculo interpretativo se apresenta no palco político da Copa do Mundo do Catar. O julgamento midiático das ações da ministra do Interior da Alemanha, Nancy Faeser, ao utilizar um acessório de roupa estampado com um coração, expõe o conflito interpretativo de ações oriundas do feminino.

Deve-se ressaltar que a discussão aqui proposta não tem a pretensão de julgar o gesto narrado como feminista. Tampouco visa apresentar a ministra como paradigma moral. A análise aqui pretendida visa apenas expor o julgamento moral enfrentado por uma mulher normativa, de classe alta, ministra de Estado do terceiro principal país do mundo em *soft power*. Os conflitos aqui expostos demonstram avanços e retrocessos em prol de um direito “moderno”, também em luta contra o poder hegemônico patriarcal.

Para tanto, discutiremos, com ideias do filósofo alemão Jürgen Habermas, novos caminhos para a organização coletiva, reconheceremos, com a filósofa Chantal Mouffe, a necessidade da existência do conflito para a conversão de antagonismos em agonismos, e analisaremos, com o mito de Antígona, diferentes interpretações morais do mesmo fato, o que implica na existência de diferentes percepções de justiça.

DOS FATOS

As mídias aqui analisadas, embora do mesmo espectro político, entendidas como progressistas de “esquerda” (Der Spiegel [...], 2017) e com as maiores tiragens da Europa em seus segmentos, são voltadas para públicos diferentes. Enquanto a revista *Spiegel* é voltada para investigações jornalísticas, o *Bild* é um tabloide, voltado ao alemão médio.

No jogo Alemanha *versus* Japão, apesar da vitória japonesa de virada por 2x1, o evento se destaca por fotos tiradas de alemães no estádio. Antes do início da partida, a seleção alemã posa para a foto oficial da Fifa com o icônico protesto em pose de silenciamento, contra a proibição da braçadeira “One Love” (Figura 8.1).



Figura 8.1 – Protesto da seleção alemão de futebol.

Fonte: <https://www.bild.de/sport/fussball/fifa-wm-2022/wm-2022-beruehmter-katar-blogger-verhoehnt-dfb-elf-82044806.bild.html> (Witters).

Nas arquibancadas, outra foto, de Nancy Faeser, ministra do Interior da Alemanha, utilizando a proibida braçadeira ao lado do presidente da Fifa, Gianni Infantino, é registrada (Figura 8.2).



Figura 8.2 – Gianni Infantino com Nancy Faese.

Fonte: <https://www.bild.de/sport/fussball/fifa-wm-2022/wm-2022-gianni-infantino-mit-nancy-faeser-wie-es-zu-diesem-irren-foto-kam-82048308.bild.html> (Bild: twitter/loculobo).

Dias depois, a *Spiegel* relata que a abraçadeira, agora peça de museu, é fruto de uma ação imatura e inconsequente:

Ela contrabandeou a braçadeira para dentro do estádio, por baixo do blazer, como uma adolescente planejando uma pegadinha. Foi bem recebida em casa. O líder do partido SPD, Lars Klingbeil, curtiu a campanha no Instagram “Nancy estável”, escrita por um usuário online (Gebauer; Medik, 2022).

Para a revista, Infantino “zombava dela” (Gebauer; Medik, 2022) enquanto apontava sorridente para a braçadeira. O *Bild*, por outro lado, interpreta o gesto de Infantino como “vejam, proibimos essa faixa de vocês”, e assim julga a ação:

A Ministra do Interior Nancy Faeser (52, SPD) fez no Catar o que a seleção alemã de futebol (DFB-Elf) não ousou fazer sob pressão da FIFA: ela usou uma braçadeira “One Love” no estádio. De forma bem visível, em seu braço nu (!), a mensagem era: “Eu não vou permitir que me proíbam! Nem mesmo quando estou sentada entre xeques e ao lado do presidente da FIFA, Gianni Infantino (52)” (Kottmann; Fabian, 2022).

Por trás da foto, a história. Faeser faz parte do governo de centro-esquerda do “novo” primeiro-ministro alemão Olaf Scholz, que visa reformular algumas práticas da era Merkel, vista como conservadora. Dentre as ações de seu governo, destaca-se o rompimento do contrato de fornecimento de gás liquefeito (GNL) com a Rússia, item fundamental para a matriz energética alemã, justificado como sanção à guerra na Ucrânia (Hill, 2022).

O lema político de Scholz é “Respeito para você”. Em 23 de junho de 2021, em campanha do partido, ele afirma, segurando uma bandeira LGBT, que respeito inclui o respeito “o respeito a quem quer que se queira amar” (Twitter, 2021).

Após a escolha do Catar para o torneio, entendida pelo *Bild* como uma “catástrofe” visto “o desrespeito do país aos direitos humanos”, a campanha liderada pela sociedade civil “Liebe kennt keine Pause” (O amor não conhece pausa) ganha destaque político.

A iniciativa também é apoiada pelo governo, que assim se pronuncia sobre a iniciativa, na figura do próprio primeiro-ministro Scholz, no Facebook, em 17 de janeiro de 2022, alguns meses antes do evento:

Eu apoio “O Amor não conhece pausa” porque estou convencido de que nós devemos nos tratar uns aos outros com respeito. Não importa quem você ame. Quer você tenha nascido como homem ou mulher, e como você queira viver sua vida. Não apenas aqui na Alemanha, mas em todo o mundo e, também, no Catar, onde a próxima copa do mundo vai acontecer em 2022. Vamos ter certeza de que esta mensagem seja ouvida e espalhada. E vamos deixar que as comunidades LGBT no Catar e de todo o mundo saibam que nós as apoiamos (Liebe [...], 2022).

Com uma trajetória política descrita como “dura contra o radicalismo de extrema-direita” e pela “liderança em iniciativas parlamentares contra neonazistas” (Editorial, 2022), Faeser manifesta suas reservas em relação à escolha do Catar para o evento. “Irritando os sheiks”, diz em televisão “que achava “totalmente difícil” conceder a Copa do Mundo ao Catar. Seria melhor [...] se os eventos desportivos não se realizassem nesses Estados no futuro” (Gebauer; Medik, 2022).

Meses antes do torneio, visita o país anfitrião, acompanhada pela comissária de Direitos Humanos do governo federal e representantes da iniciativa “O Amor não conhece pausa”.

Segundo seu porta-voz, a intenção era discutir, entre outros pontos, a questão da comunidade LGBT e declarar seu ponto de vista: “Atos homossexuais são proibidos no Catar e podem resultar em até sete anos de prisão – os muçulmanos enfrentam até mesmo a pena de morte (...) Isso é inaceitável, e queremos expor nosso ponto de vista durante esta viagem” (Schenk, 2022).

Após o início do evento, explodem relatos de confiscos de bandeiras e símbolos pró-LGBT (Heising, 2022). Indignadas, as seleções europeias ponderaram deixar a Copa. A própria Federação Alemã de Futebol (DFB) estuda ingressar com um processo na câmara arbitral esportiva internacional (Bossmann *et al.*, 2022), mas, no final, nenhuma delas teve a coragem de enfrentar a proibição da Fifa.

Faeser assim interpreta os atos:

Proibir a faixa One-Love é um grande erro da FIFA. Isso dilacera o coração de todos os fãs, ver como a FIFA coloca esse conflito nas costas dos jogadores. É uma vergonha que a entidade mundial ameace os jogadores e os impeça de lutar pela tolerância. Deve ser possível mostrar abertamente a diversidade. E é mais do que lamentável que as associações europeias não tenham se oposto a isso em conjunto. Isso teria sido um sinal importante. Neste momento, a postura de todos, especialmente das associações, é crucial (Kottman; Fabian, 2022).

Antes do uso da braçadeira, já com as proibições em curso, Faeser anuncia em uma entrevista à televisão nacional que iria pessoalmente ao Catar, visto que o “debate político” não deveria ficar a cargo dos atletas, mas dos políticos. Para ela, direitos humanos são valores inegociáveis. Sua ida ao jogo contra o Japão seria o “caminho difícil”, mas “importante” para uma discussão entre “os tomadores de decisão”, visto entender “ser possível a abertura para a diversidade levantar-se e continuar levantado de forma aberta e assim continuar” (Heising, 2022).

“Coincidentemente” orientada a ocupar o assento de honra perto do presidente da Fifa, já que um assento especial surgiu “depois que um representante do governo do Catar não compareceu” (Heising, 2022), a foto aqui analisada é registrada e causa um mal-estar internacional, criticada por jornais, políticos e diplomatas de ambos os países.

Dias depois, ainda durante a Copa, o governo de Scholz escolhe o Catar como fornecedor alternativo de gás natural, fechando um bilionário contrato de quinze anos de fornecimento de gás natural liquefeito (GNL). Para o *Bild*, a contratação é entendida como hipócrita e potencial financiadora de atos terroristas (Piatov; Tiede, 2022), visto que as violações aos direitos humanos pelo Catar são de conhecimento público e foram, inclusive, combatidas pelo próprio governo alemão.

AS LENTES PARA O OCIDENTE

Para o filósofo alemão Jürgen Habermas, escolher e realizar a Copa do Mundo em um local que reconhecidamente viola direitos humanos fragiliza a crença da sociedade civil internacional na política e em suas instituições democráticas. Em suas palavras:

A própria esperança na força de configuração política da sociedade internacional, minguante, provoca uma tendência à despolitização dos cidadãos. Face aos conflitos e as injustiças sociais gritantes de uma sociedade mundial fragmentada em larga escala, cresce, a cada insucesso no caminho da constitucionalização do direito internacional das gentes (que foi iniciado após 1945), o desapontamento (Habermas, 2007, p. 122).

O governo alemão, ao simultaneamente realizar o protesto e firmar o contrato de GNL, expressa o que Habermas chama de “inação política”, a marca dos tempos atuais. Para o autor, isso acontece porque os pensamentos políticos utópicos, “responsáveis por traçar condições para uma vida digna do homem e para a felicidade socialmente organizada”, estão, agora, fundidos ao pensamento político histórico,

“saturado de experiência”, baseado na racionalidade burocrática e científica (Habermas, 1987, p. 104).

Afastado da moral religiosa, que “deixa de orientar a vida em sociedade” (Habermas, 1987, p. 103), o debate público ocidental perde a moral comum e passa a ser pautado por quatro correntes de pensamento racional: a filosofia analítica, a fenomenologia, o estruturalismo e o marxismo ocidental. Entendidas como “figuras do espírito”, as correntes de pensamentos filosóficos são por natureza voláteis, pois “quando tal corrente é nomeada e reconhecida em sua inconfundibilidade, já foi colocada à distância e condenada ao desaparecimento” (Habermas, 1990, p.12).

Neste terreno escorregadio de racionalidade, tanto a classe política quanto a acadêmica e científica estão em “inação” diante da “inteligibilidade”, a falta de clareza de ações e de consenso sobre soluções para um futuro comum (Habermas, 1987, p. 105).

Por outro lado, a secularização do debate público permitiu a aquisição de direitos humanos e o reconhecimento da diversidade, como os direitos LGBT. Apenas em 1990 a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que: “a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio mental e nem perversão” (Heising, 2022). Reconhecida há apenas poucas décadas pelo capitalismo, a homossexualidade tampouco foi mais bem tratada pelo regime socialista, que a taxou no passado como ‘desvio burguês’ e ‘crime social’.

Em luta para a consolidação de direitos de fraternidade, para os direitos coletivos ou difusos, que pertencem a todos, não são necessárias “novas leis”, mas, sim, processos que façam com que “os textos de leis existentes sejam cumpridos” (VASAK, 1977).

Habermas sugere que seja adotado um novo processo de racionalidade democrática, voltado à linguagem aplicada, que deve ser racional, argumentativa e comprovável ao longo do tempo, diferindo da racionalidade atual, pois:

[...] coloca em jogo um espectro de argumentos mais amplo: argumentos epistêmicos para discutir a verdade de afirmações; pontos de vista éticos para avaliar a autenticidade de uma decisão vital; indicadores para detectar a sinceridade de confissões, de experiências estéticas, de explicações narrativas, de padrões culturais valorativos, de pretensões de direito, de convenções, etc. (Habermas, 2007, p. 47).

A moralidade, para o processo racional de Habermas, está baseada nos estudos de Lawrence Kohlberg, que, analisando diferentes perspectivas filosóficas, escolhe a justiça como valor paradigmático de ação moral, por ser ela, em sua visão, a fonte primária dos valores morais:

O sentido de justiça de uma pessoa é o que é mais distintivo e fundamentalmente moral. Pode-se agir moralmente e questionar todas as normas, pode-se agir moralmente e questionar o bem maior, mas não se pode agir moralmente e questionar a necessidade de justiça (Kohlberg, 1992, p. 197).

O CHAMADO PARA A LUTA

A filósofa Chantal Mouffe discorda de Habermas e de seu processo baseado no privilégio racional. Para a autora, o problema central da democracia recai sobre as emoções. A lealdade política é obtida não racionalmente, mas via “paixões e afetos”. A reconstrução política dependeria de práticas que possibilitem a formação de cidadãos democráticos, no modelo agonístico, termo oriundo da prática dos jogos corporais institucionalizados como o esporte moderno, ligado à valorização positiva da disputa. “O antagonismo é uma luta entre inimigos, já o agonismo é uma luta entre adversários” (Mouffe, 2005, p. 21).

Mouffe propõe que seja aceito e reconhecido que a distorção faz parte da comunicação política, uma vez que ela é feita de processos e de pessoas. A parcialidade dos agentes políticos é sempre – e naturalmente – contestável, visto representarem a dimensão plural da sociedade, seus conflitos e relações de dominação-opressão.

Reconhecer a natureza antagonista do político como parte do processo político é atender ao propósito da política democrática de “transformar o antagonismo em agonismo” (Mouffe, 2005, p. 21), o aceite da versão do adversário como possibilidade, desde que resguardados os princípios fundamentais do debate.

Para a autora, a crise política de representação atual é resultado do modelo político neoliberal, pós-democrático, em que tanto direita quanto esquerda se alinham em um fictício centro, o que, na prática, faz com que ambos os espectros de governo tenham agendas semelhantes, principalmente no que tange à agenda econômica. A busca pelo ideal do consenso racional é um dos responsáveis pela desilusão da população, pois não elimina o conflito e piora a qualidade da discussão política. Em suas palavras:

No lugar do conflito entre “direita e esquerda”, vemo-nos diante do conflito entre “certo e errado”. Meu argumento é que, quando não existem canais disponíveis por meio dos quais os conflitos poderiam assumir uma forma “agonística”, eles tendem a surgir de maneira antagonística. Ora, quando, em vez de ser formulado como um confronto político entre adversários, o confronto nós-eles é visto como um confronto moral entre o bem e o moral, o oponente só pode ser percebido como um

inimigo a ser destruído, e isso não favorece um tratamento agonístico (Mouffe, 2015, p. 5).

Pesquisas neurocientíficas sustentam que a racionalidade, base para a vida em sociedade civil, corresponde apenas a uma pequena parte do processo cognitivo. As emoções, oriundas da “sombra evolucionária” – ou seja, a soma de reações arcaicas, instintivas, intuitivas e ancestrais –, permanecem com grande influência na mente moderna.

O “domínio do pensamento emocional” é fruto da somatória das “sensações corporais que chegam à [...] consciência” como sensações emocionais. O pensamento emocional é a plataforma para a “memória, tomada de decisão e criatividade”, tanto em contextos sociais, políticos e culturais quanto subjetivos. A “alta razão, ou o pensamento racional”, corresponde a apenas uma “pequena seção do diagrama mental” e requer, para o seu alcance, “o despertar da consciência emocional” (Immordino-Yang; Damásio, 2007, p. 8).

Para o psicólogo Jonathan Haidt, a proposta de Kohlberg, embora “não desconsidere” que “os julgamentos morais não são puramente cognitivos” e “possuem componentes afetivos e motivacionais”, pode ser entendida como “racionalista”, ao ignorar toda a sua motivação “intuicionista” (Haidt, 2020, p. 94).

Herdada de nossos ancestrais pré-históricos, valorizamos, acima de uma “linguagem moral comum”, as “inferências inconscientes ou não-verbais” (Haidt, 2020, p. 58), responsáveis pela formação de diferentes alicerces morais instintivos e inatos, anteriores ao exame racional e compartilhados com os animais que se estruturam em grupos.

Criados em respostas aos desafios evolutivos, os valores morais “são instintivos”, oriundos de emoções que permanecem na psique humana, como o instinto de escape associado ao medo. Assim, ele define, além da justiça, outros quatro eixos para a análise moral: a Pureza, a Lealdade, a Autoridade e o Cuidado.

Os pilares de justiça e cuidado serão analisados em pormenor na sequência, não obstante, o caso da ministra de Estado da Alemanha estampa a influência da moralidade subjacente, tal como apontado por Haidt.

Para os cataris, o uso da brçaadeira foi interpretado como afronta ao seu valor moral da pureza, entendido como “dupla provocação”, pois, além do símbolo pró-LGBT, Faeser estava com seus braços “descobertos” (Heising, 2022). Oriundo do desafio de sobreviver a parasitas e patógenos, o pilar moral da pureza é influente em grupos que desenvolvem hábitos e costumes associados à segurança e coesão, inclusive com a imposição de vestimentas e costumes.

A desclassificação da Alemanha foi entendida pela Fifa como motivada pelo abandono do pilar da lealdade ao esporte. Tanto que, para a entidade, apenas “as equipes que se concentraram no futebol seguiram adiante”. Da mesma forma, após a eliminação, surgiram relatos de que “apenas poucos jogadores queriam fazer o protesto”, por quererem “se concentrar apenas no torneio” (Gebauer; Medik, 2022).

O pilar de autoridade, construído pela tradição, se funda em sinais e comportamentos de respeito às normas já estabelecidas. O ministro de Energia do Catar, Saad Sherida al-Kaabi, responsável pelo contrato de GNL, se mostrou em entrevista mais indignado com o gesto de Nancy Faeser do que com as afirmações do ministro das Finanças alemão Rudolf Hauberk de que a realização da Copa do Mundo no Catar só poderia ser “explicada pela corrupção” (Ronzheimer, 2022).

Para ele, o gesto da ministra representa uma “falta de tato diplomático”, aliada a um imperialismo moral, que “não foi bem recebido pelas pessoas”. Como representante do governo e visitante de outro país, ele respeitaria o anfitrião e não o ofenderia “por um gesto específico” (Ronzheimer, 2022).

Em correspondência oficial, o embaixador da Alemanha no Catar, Claudius Fishbar, entendeu que as ações de seu país, dentro e fora do campo, representaram um “desrespeito por uma cultura estrangeira”. Para o diplomata, a agenda de discussão política com o Catar já está definida: “fornecimento de energia, mediação de conflitos bem-sucedida em um ambiente hostil e investimento confiável na Alemanha” (Gebauer; Medik, 2022).

É possível especular que a própria atuação de mulheres em ambientes historicamente dominados por homens seja interpretada como afronta ao pilar da autoridade. Fishbar termina sua missiva aconselhando o novo governo a adotar abordagem semelhante à de “Sigmar Gabriel” (Gebauer; Medik, 2022), um antecessor masculino de um governo com posicionamento político diferente de Faeser. Ao invés de criticar a abordagem do governo de esquerda, a discussão foi concluída com o comparativo entre paradigmas de gêneros diferentes.

Entrevistada ao vivo após o retorno da seleção alemã, Faeser é questionada se reconhece sua culpa pela desclassificação da DFB. Ela nega a responsabilidade, separando a natureza dos temas. Para ela, o resultado da DFB “trata-se de desempenho esportivo”, e é necessário “separar o debate sobre o cumprimento dos direitos humanos no Catar do evento esportivo”. Embora tenha ouvido em resposta que praticava uma “política simbólica vazia” e “um debate totalmente moralizador!”, ela buscava o uso do pilar da Justiça, desenvolvido instintivamente como resposta ao desafio de obter benefícios de uma cooperação sem ser explorado. Para ela, seu gesto é tão justo quanto o dos jogadores. “Os jogadores fizeram seu protesto e eu fiz o meu” (Nyary,

2022). A falha no altruísmo recíproco levou à punição contra os trapaceiros do acordo inicial (Figura 8.3).



Figura 8.3 – Ministra do Interior, Nancy Faeser, com a braçadeira “One Love”.

Fonte: <https://www.bild.de/politik/2022/politik/klartext-statement-von-innenministerin-nancy-faeser-traegt-one-love-binde-in-kat-82037388.bild.html> (Kai Pfaffenbach/Reuters).

O JULGAMENTO DE ANTÍGONA

Ao compararmos as diferentes possibilidades de compreensão da moral, podemos detectar os conflitos aqui expostos. A comparação entre as interpretações das ações sob a ótica racional de Kohlberg ou emocional-instintiva de Haidt é ilustrada pelo julgamento do mito de Antígona, quando confrontada com a análise sob a ótica do cuidado.

Para o mitólogo Mircea Eliade (1954, p. viii), “Os mitos preservam e transmitem os paradigmas, os modelos exemplares, para todas as atividades responsáveis nas quais os homens se engajam”, podendo ser utilizados para o alcance de conceitos atemporais e universais.

O mito de Antígona fala sobre o questionamento, por uma mulher, das normas estabelecidas. Filha do trágico casamento entre Édipo e Jocasta, Antígona, diante do dilema de descumprir a lei e ser condenada à morte ou garantir um enterro digno a seu irmão, escolhe desobedecer às normas. Presa, diante das revoltas políticas à sua volta, se suicida no cárcere.

Para Kohlberg (1992), as ações de Antígona não refletem uma moralidade racional superior, a justiça na observância de valores universais. Para o autor, ela é motivada por interesses estratégicos, pautados na aprovação à observância de normas de

uma autoridade superior, no caso, divina. Suas ações estão baseadas na “moralidade da lealdade nas relações de parentesco”. Sua natureza não vem da consciência, mas do “respeito pela autoridade e à sanção divina, respeito pelos mortos, expresso na manutenção de regras concretas e arbitrárias”, o que implica em “uma moralidade voltada para a ordem divina em lugar da ordem cívica” (Freitag, 1992, p. 37, *apud* Kohlberg, 1992, p. 386).

É possível, então, afirmar que o conflito entre o feminino e o valor moral da autoridade requeira a adoção da perspectiva de gênero em seu julgamento. Nesse contexto, Carol Gilligan, psicóloga, feminista e assistente de pesquisa de Kohlberg, afirma que a teoria dos estágios de desenvolvimento moral de Kohlberg, voltada à psique masculina, deu expressão inadequada às preocupações e experiências das mulheres.

Ao se estudar mulheres e extrair construtos de desenvolvimento de suas vidas, o esboço de uma concepção moral diferente daquela descrita por Freud, Piaget ou Kohlberg começa a surgir e informa uma descrição diferente do desenvolvimento (Gilligan, 1982, p.19).

Carol Gilligan, destarte, sustenta a “existência de uma linguagem moral distinta” para as mulheres. Uma linguagem entre “o egoísmo e a responsabilidade, que define o problema moral como uma obrigação de exercer cuidado e evitar prejudicar” (Gilligan, 1982, p. 73).

O pilar moral do cuidado, exigido e ensinado estruturalmente ao sujeito nascido sob o sexo feminino, é responsável pelo desenvolvimento de uma ética voltada à preocupação com os outros. Iniciado com o instinto de sobrevivência animal, a preocupação com o próprio eu se expande para os demais, na fase do cuidado com os outros. O autossacrifício, ideal de virtude feminina, orientado pelo conceito maternal de moralidade, só é eliminado na fase de moralidade madura, em que a mulher assume responsabilidade pelas consequências de suas escolhas, em que “a moralidade é regida por um princípio universal de não violência e condenação à exploração e ao dano”.

O desenvolvimento do feminino se dá em direção a um equilíbrio entre a satisfação de necessidades antagônicas e o enfrentamento à violência imposta pela sociedade moldada para atender ao masculino. “No desenvolvimento de uma compreensão ética pós-convencional, as mulheres passam a perceber a violência inerente à desigualdade”, lutando, portanto, pela não violência, enquanto “os homens passam a enxergar as limitações de uma concepção de justiça que não reconhece as diferenças na vida humana” (Gilligan, 1982, p. 100).

Nesta análise, sobre a Antígona, embora suas ações sejam iniciadas pelo autossacrifício, a não violência, com a motivação do cuidado, é sua causa de ação final. Seu

ato, contrário ao tempo natural dos deuses e sua autoridade religiosa, demonstra a existência de uma moralidade que transcende a tradição e as regras.

O debate entre Kohlberg e Gilligan ressalta a importância de considerar diferentes perspectivas e valores morais na compreensão das ações humanas. A moralidade não pode ser reduzida a um único modelo ou medida de crescimento, mas deve considerar a complexidade das experiências individuais e das identidades de gênero.

Naturalmente, o pilar do cuidado não se limita às mulheres. Ele apenas reproduz o que é estruturalmente ensinado, visto a identidade de gênero ser entendida como uma construção social complexa, sem a atribuição de qualidades fixas, inatas e próprias a homens e mulheres. As questões de gênero estão intrinsecamente ligadas ao poder e à política. Nas palavras de Conceição Nogueira (2017, p. 33):

As diferenças não existem num vácuo político. Pelo contrário, a força da diferença, os tipos de diferença, os valores atribuídos a diferentes formas e a dominância de determinadas formas, tudo é modelado pelo contexto (DeFrancisco & Palczewsky, 2007). No entanto, apesar das complexidades e da fluidez da identidade, muitas instituições continuam estruturadas à volta de categorias identitárias como se elas fossem fixas, facilmente identificáveis e facilmente distinguíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cientista política marxista Nancy Fraser, semi-homônima da ministra objeto desta análise, inspirada na política externa alemã, cunha o termo “neoliberalismo progressista” para denominar a estratégia política que torna as discussões no debate público voltadas mais para as causas identitárias do que para aquelas de cunho econômico. O caso aqui analisado, em que o protesto é acompanhado do obscuro contrato de GNL, ilustra tal conduta. Para a autora, a luta feminista deve entender que você não pode separar gênero de raça, classe, sexualidade, ecologia, democracia e políticas econômicas.

Em um contexto em que “quase 9 em cada 10 homens e mulheres em todo o mundo” ainda mantêm algum preconceito com as mulheres (PNUD, 2023), a identificação dos conflitos entre as moralidades existentes pode ser um caminho para uma nova configuração social democrática.

Tal discussão não é nova e já se encontrava em tela no século XVIII, na concepção da democracia moderna. A piedade é o que faz Jean-Jacques Rousseau ser considerado um autor romântico. Para ele, a piedade é a origem das virtudes cívicas e deve ser o ponto de apoio da razão, sem a qual “os homens nunca teriam passado de monstros”

(Rousseau, 2017, p. 63-61). A democracia liberal, na perspectiva de Rousseau, nasce voltada ao cuidado, e não à racionalidade burocrática.

Da mesma forma, a análise aqui perpetrada demonstra que, ao mesmo tempo que se espera de políticos e líderes masculinos, inclusive jogadores de seleções nacionais, uma atuação cheia de “paixão pela equipe”, “fogo pelo sucesso”, “ambição” e competência, para “a realização do esperado” (Gebauer; Medik, 2022), tal desempenho é rejeitado se realizado por mulheres ou se atrelado ao feminino, ainda mais se acompanhado de continuidades estratégicas.

Maior do que o caso Faeser, é a exposição da “tragicomédia” reproduzida pela análise aqui proposta. Romper com a tradição e propor mudanças, em um sistema voltado ao seu próprio benefício, que pune a iniciativa, produz “pessoas sem peito” (Gebauer; Medik, 2022). Ainda que se espere socialmente a virtude e a iniciativa, “mais movimento”, “dinamismo”, “abnegação” e “criatividade”, a reação diante de ações não tradicionais fomenta o conformismo e a covardia, já que “zombamos da honra e ficamos chocados ao encontrar traidores em nosso meio. Castramos e exigimos dos castrados que sejam frutíferos” (Gebauer; Medik, 2022, p. 30).

O caminho para superar o “terror da história”, que impede o acesso à criatividade para imposição de um novo tempo, é, segundo Eliade, a transcendência dos “arquetipos de repetição”, que acontece apenas quando uma nova “filosofia de liberdade” é proposta, tendo como item fundamental a fé. Em suas palavras:

A fé [...] significa emancipação absoluta de qualquer tipo de “lei” natural e, portanto, a mais alta liberdade que o homem pode imaginar: liberdade para intervir até mesmo na constituição ontológica do universo. É, conseqüentemente, uma liberdade eminentemente criativa. [...] Constitui uma nova fórmula para a colaboração do homem com a criação, a primeira, mas também a única fórmula desse tipo concedida a ele desde que o horizonte tradicional de arquetipos e repetição foi transcendido (Eliade, 1971, p. 159).

Descolada de religiões, a fé, enquanto prática de liberdade, implica no credo pessoal da possibilidade de reconfiguração da sociedade e, no caso aqui exposto, de reconhecimento de direitos humanos. Responsável pelas revoluções sociais, aliada ao pilar do cuidado, ela se contrapõe à moralidade tradicional, constituidora de autoridade.

O reconhecimento da existência de uma dupla moral, a racional e a instintivo-emocional, nos proporciona ferramentas para interpretar a existência de um duplo vínculo entre a justiça e o cuidado. Acima das leis e do Direito estabelecido, reside o desejo pela transcendência das normas injustas e o alcance de uma sociedade igualitária.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BOSSMANN, B. et al. Wegen Verbot der „One Love“-Binde DFB zieht gegen Fifa vor Gericht. *Bild*, Berlim, 22 nov., 2022. Disponível em: <https://www.bild.com/sport/fussball/fifa-wm-2022/wegen-verbot-der-one-love-binde-dfb-zieht-gegen-fifa-vor-gericht-82024278.bild.html>. Acesso em: 3 set. 2023.
- “DER Spiegel” faz 70 anos em meio a desafios. *DW*, São Paulo, 4 jan. 2017. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/der-spiegel-faz-70-anos-em-meio-a-desafios/a-3699010>. Acesso em: 3 set. 2023.
- EDITORIAL. Metade de mulheres, um descendente de turcos, um epistemologista: conheça o novo gabinete da Alemanha. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 dez. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/metade-de-mulheres-um-descendente-de-turcos-um-epidemiologista-conheca-novo-gabinete-da-alemanha-25310660>. Acesso em: 3 set. 2023.
- ELIADE, M. *Cosmos and history: the myth of the eternal return*. Trad. Willard R. Trask. New York: Harper & Brothers Publishers, 1971.
- FREITAG, B. *Itinerários de Antígona: a questão da moralidade*. Campinas: Papirus, 1992.
- GEBAUER, M. et al. Neue Machtverhältnisse im Fußball. Deutschlands Selbstverzwergung. *Spiegel*, Hamburgo, 9 dez, 2022. Disponível em: <https://www.spiegel.de/sport/fussball/wm-2022-wie-deutschland-in-katar-unter-die-raeder-geriet-a-d8f962cb-dd8a-4cf-7-b7ab-833f87eedeb8>. Acesso em: 3 set. 2023.
- GEBAUER, M.; MEDIK, V. Vertrauliche Diplomatenkorrespondenz aus Katar: Die Stimmung wird mir als miserabel beschrieben. *Spiegel*, Hamburgo, 2 dez. 2022. Disponível em: <https://www.spiegel.de/politik/deutschland/katar-und-die-wm-vertrauliches-schreiben-des-deutschen-botschafters-warnt-vor-miserabler-stimmung-a-3fa0dfcb-c44d-4582-9581-5acc2e404c66>. Acesso em: 3 set. 2023.
- GILLIGAN, C. *Uma Voz Diferente* RJ: Rosa dos Tempos, 1982.
- HABERMAS, J. A nova intransparência. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 18, p. 103-114, set. 1987.
- HABERMAS, J. *Entre naturalismo e religião: estudos filosóficos*. Trad. Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.
- HABERMAS, J. *Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- HAIDT, J. *The righteous mind: why good people are divided by politics and religion*. Nova York: Vintage Books, 2012.
- HEISING, N. Infantino mit Faeser: Wie es zu diesem irren Foto kam. *Bild*, Berlim, 25 nov. 2022. Disponível em: <https://www.bild.com/sport/fussball/fifa-wm-2022/wm->

- 2022-gianni-infantino-mit-nancy-faeser-wie-es-zu-diesem-irren-foto-kam-82048308.bild.html. Acesso em: 3 set. 2023.
- HILL, J. Guerra na Ucrânia: como a Alemanha deixou de depender de gás russo em poucos meses. *BBC News*, Wilhelmshaven, 28 nov. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-63769249l>. Acesso em: 3 set. 2023.
- IMMORDINO-YANG, M. H.; DAMÁSIO, A. *We feel, therefore we learn: the relevance of affective and social neuroscience to education*. Nova Jersey: International Mind, Brain, and Education Society/Blackwell Publishing, 2007.
- KOHLBERG, L. *Psicología del desarrollo moral*. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 1992.
- KOTTMANN, N.; FABIAN, P. Klartext-Statement von Innenministerin Nancy Faeser trägt „One Love“-Binde im Stadion. *Bild*, Berlim, 23 nov. 2022. Disponível em: <https://www.bild.com/politik/2022/politik/klartext-statement-von-innenministerin-nancy-faeser-traegt-one-love-binde-in-kat-82037388.bild.html> Acesso em: 3 set. 2023.
- LIEBE kennt keine Pause. Vídeo: *Olaf Scholz*. Texto Wir haben die große Ehre, dass unser Bundeskanzler Olaf Scholz (SPD) uns persönlich [...]. Berlin, 17 jan. 2022. Facebook: [facebook.com/watch/?v=630998091286256](https://www.facebook.com/watch/?v=630998091286256). Acesso em: 2 dez. 2021.
- MOUFFE, C. Por um modelo agonístico de democracia. *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, v. 25, p. 11-23, nov. 2005.
- NOGUEIRA, C. *Interseccionalidade e psicologia feminista*. Salvador: Devires, 2017.
- NYARY, J. Was Infantino über die “One Love“-Binde sagte. *Bild*, Berlim, 8 dez. 2022. Disponível em: <https://www.bild.de/politik/talk-kritik/talk-kritik/faeser-bei-maischberger-was-fifa-chef-infantino-ihr-zur-armbinde-sagte-82186446.bild.html> Acesso em: 3 set. 2023.
- PYATOV, F.; TIEDE, P. 10 Gründe Die Katar-Debatte ist nur noch verlogen! *Bild*, Berlim, 25 nov. 2022. Disponível em: <https://www.bild.com/politik/kolumnen/kolumne/10-gruende-die-katar-debatte-ist-nur-noch-verlogen-82035268.bild.html>. Acesso em: 3 set. 2023.
- PNUD. *Novos dados mundiais do PNUD mostram que preconceitos de gênero continuam enraizados*. [S.l.], 12 jun. 2023. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil/news/novos-dados-mundiais-do-pnud-mostram-que-preconceitos-de-genero-continuam-enraizados>. Acesso em: 3 set. 2023.
- RONZHEIMER, P. *Er ist unser neuer Gas-Lieferant Das sagt der Katar-Minister über den Habeck-Knicks Exklusives BILD-Interview*. Berlim, 30 nov. 2022. Disponível em: <https://www.bild.com/politik/ausland/politik-ausland/er-ist-unser-neuer-gas-lieferant-katar-minister-wuetet-gegen-habeck-schwule-und-82101916.bild.html>. Acesso em: 3 set. 2023.
- ROUSSEAU, J.-J. *A origem da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

- SAHD, L. Afinal, a quem o filho do jogador Paquetá atrapalhou nessa Copa do Mundo? *UOL*, São Paulo, 20 nov. 2022. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/colunas/luiza-sahd/2022/11/22/afinal-a-quem-o-filho-do-jogador-paqueta-atrapalhou-nessa-copa-do-mundo.htm>. Acesso em: 3 set. 2023.
- SCHENK, M. Kurz vor Start der Katar-WM: Faeser reist mit LGBT-Aktivisten nach Katar. *Bild*, Berlim, 21 out. 2022. Disponível em: <https://www.bild.com/lgbt/2022/lgbt/kurz-vor-start-der-katar-wm-faeser-reist-mit-lgbt-aktivisten-nach-katar-81696712.bild.html>. Acesso em: 3 set. 2023.
- Twitter: @OlafScholz. 23 jun. 2021. Disponível em: <https://twitter.com/olafscholz/status/1407670386909659138?lang=pl>. Acesso em: 3 set. 2023.
- VASAK, K. A 30-year struggle; the sustained efforts to give force of law to the Universal Declaration of Human Rights. *The UNESCO Courier: a Window Open on the World*, v. XXX, n. 11, p. 29-32, 1977. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000074816>. Acesso em: 11 ago. 2022.
- WRIGHT, N. 'Motherhood' Matilda responds to outrage over TV commentary. *The Sydney Morning Herald, Sydney*, 24 july. 2023. Disponível em: <https://www.smh.com.au/sport/soccer/motherhood-matilda-responds-to-outrage-over-tv-commentary-20230724-p5d-qw8.html>. Acesso em: 3 set. 2023.

